

As Instâncias de Poder e as Atividades da Radioescola¹

Luana Amorim Gomes²
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Resumo

Este artigo tem como objetivo discutir as relações de poder que se estabelecem na rotina de uma radioescola municipal da cidade de Fortaleza³. A pesquisa foi desenvolvida durante o mês de novembro de 2011 com objetivo de identificar como se configuram as decisões sobre a gestão, linguagem e conteúdos a serem exibidos na rádio instalada na escola. Nossa atenção recorre sobre a participação dos adolescentes, professores e gestores. Objetivamos compreender de que forma a direção e as professoras coordenadoras da rádio conduzem as atividades de participação dos estudantes, como por exemplo, decisão de pautas que serão elaboradas, manuseio dos equipamentos e veiculação dos programas? Estas são algumas questões que este artigo se propõe a investigar. Como metodologia utilizamos observação participante com a inclusão de rodas de conversa com os estudantes que participam da radioescola.

Palavras-chave

Comunicação; educação; radioescola; participação; poder

1. Introdução

Chegar à escola para investigar instâncias de poder e a relação entre adolescentes e núcleo gestor no que se refere às atividades de radioescola é ter sensibilidade para observar alguns detalhes e regras que vão desde o momento da abertura do portão e condução à sala da diretoria até a veiculação dos programas de rádio. Disposta a lançar um olhar mais atento àquela realidade, foi possível perceber que existe uma organização específica instituída no espaço escolar. Na minha primeira visita à escola, ainda no estacionamento, vejo o burburinho e a fala do professor que insiste para que os estudantes permaneçam sentados e quietos enquanto ele aborda conteúdos específicos da História do Brasil. Neste momento pude relembrar a infância e a época escolar onde a situação de permanecer sentado em uma cadeira localizada dentro de um quadrado pintado no chão durante quatro horas. Relembrar este momento foi, no mínimo, aterrorizante.

Enquanto recordava do mapa de sala organizado pelos professores e a arguição feita pela direção da escola toda sexta-feira, caminho pela escola com olhar atento até

¹Trabalho apresentado no GP Interfaces Comunicacionais, XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal do Ceará (UFC) e bolsista Capes Reuni. Contato da pesquisadora: luanamele@gmail.com

³ Diante da colocação de algumas questões consideradas delicadas de gestão e realidade da escola optamos por não divulgar o nome da escola pesquisada assim como os nomes de estudantes e professores que contribuíram com a pesquisa e elaboração do artigo.

chegar à biblioteca para conversar com a professora responsável pelas atividades de radioescola. A fala contida dos estudantes coordenada pela mediação das professoras responsáveis pela rádio esteve presente durante todo o momento em que permaneci na escola para a realização desta pesquisa. O silêncio forçado que se constituiu, em alguns momentos, até na hora do recreio, ficaram marcados e registrados no meu Diário de Campo, uma das estratégias utilizadas para compor a metodologia desta pesquisa e a elaboração deste artigo.

Para discutir “o poder” faz-se necessário a leitura de Foucault, dentre outros autores, como, por exemplo, Deleuze, Guatarri e Lazzarato. Para Foucault (1977), as relações de poder estão em todos os lugares, sendo uma instância difusa e exercida com base em inúmeros pontos e abordagens, não existindo, portanto, um espaço privilegiado e exclusivo para a constituição do poder como, por exemplo, as classes dominantes. É possível perceber ainda que a força não está presente de maneira singular, sozinha e isolada de outros aspectos e perspectivas, mas sim relacionada com outras forças. Durante a pesquisa pude perceber que, no ambiente escolar, várias forças são estabelecidas e tensionadas.

Dentro da escola, como foi pontuado no primeiro parágrafo deste trabalho, as questões relacionadas ao poder e regras estabelecidas estão por toda a estrutura, desde a sala de aula com cadeiras dispostas em fileiras até a sala da rádio com limitações de horários para utilização do espaço, e dos equipamentos, por exemplo. Perceber que existem regras que devem ser seguidas até na hora do recreio é ficar atenta ao olhar da supervisora escolar que encara estudantes e, mesmo em silêncio, consegue transmitir repreensões e punições. Em um dos momentos, após o término do recreio foi possível ver um grupo de meninos sentados em cadeiras no meio do pátio fazendo uma atividade extra por terem rompido com algumas regras durante o horário do intervalo. Estar ali, no meio do pátio, fazendo atividades de punição em silêncio pode ser correlacionado com o que diz Lazzarato (2007) acerca das vozes e da relação de poder entre os locutores. E quando estes são silenciados? “La voz implica ya un modo de acción específico del discurso que, en palabras de Foucault, podemos llamar “acción sobre acciones posibles”. (LAZZARATO, 2007, p. 27)

Sobre a questão do silenciar, Lazzarato (2007) discute a necessidade de uma atividade verbal para a garantia de uma esfera estratégica de ações sobre ações possíveis. “Es último elemento – el sentimiento de la actividad de creación de la palabra – expresa la

fuerza del afecto, del elemento no discursivo que engendra no sólo la realidad física de la palabra, sino también el sentido y la apreciación” (LAZZARATO, 2007, pág. 30/31). A fala, carregada de sentimento, acaba sendo a afirmação de um ponto de vista através do enunciado, uma posição carregada de conhecimento de mundo, de si e dos outros que vivenciam a mesma realidade. “un movimiento en el cual son arrastrados a la vez el organismo y la actividad semántica, pues lo engendrado es, el mismo tiempo, la carne y el alma de la palabra en su unidad concreta, nos dice Guattari”. (LAZZARATO, 2007, pág. 30/31).

Foucault justifica que “enquanto o sujeito humano é colocado em relações de produção e de significação, é igualmente colocado em relações de poder muito complexas”. Para o autor, tanto “a história e a teoria econômica forneciam um bom instrumento para as relações de produção” quanto “a lingüística e a semiótica ofereciam instrumentos para estudar as relações de significação; porém, para as relações de poder, não temos instrumentos de trabalho” (FOUCAULT, 1995, p. 232).

Com base em uma perspectiva de diálogo entre teóricos na categoria de poder faz-se necessário considerar novamente a discussão trazida por Lazzarato (2007). Para o autor uma relação de poder se articula sobre os elementos que são indispensáveis para se justificar uma relação de poder como, por exemplo, aquele a qual o poder está sendo exercido e que diante desta relação de poder possa se abrir todo um campo de respostas, reações efeitos e invenções possíveis. Una relación de poder “actua sobre el campo de posibilidad en el que se inscriben los comportamientos de los sujetos actuantes: incita, induce, desvía, amplía o limita, vuelve más o menos probable. (LAZZARATO, 2007. p. 36).

Para discutir a perspectiva das instâncias de poder na escola é preciso relatar aqui as dificuldades encontradas pela pesquisadora para ter acesso à escola e aos dados de rádios instaladas nas escolas municipais de Fortaleza. O tempo de pesquisa precisou ser reduzido tendo em vista de que, para visitar a escola e permanecer neste ambiente, seria necessária uma autorização expedida pela Secretaria Municipal de Educação (SME). Para tanto foi preciso fazer solicitação formal por meio de ofício e cópia do projeto de mestrado impresso. Informações desencontradas e falta de manejo na condução de algumas orientações foram vivenciadas pela pesquisadora que aguardou cerca de 45 dias a liberação e a autorização da Secretaria.

2. Observação Participante e a utilização do Diário de Campo

De acordo com Guber (2004) a observação participante consiste em duas atividades que podem ser consideradas como principais: observar e participar. Para a autora, a observação consiste em estar atento a tudo o que acontece em torno do investigador, estando o pesquisador fazendo ou não parte das atividades. A observação envolve, além do fato de estar atento ao que ocorre, participar tomando parte das atividades que são realizadas pelo grupo, ou pelo menos de parte delas. (GUBER, 2004. p. 110). Para o observador é importante levar em consideração as suas experiências vividas “La participación pone el énfasis en el papel de la experiencia vivida y elaborada por el investigador desde este ángulo parece que estuviera adentro de La sociedad estudiada”. (GUBER, 2004. p. 111)

A autora enfatiza a necessidade de anotar as experiências vividas em campo. Acerca deste recurso de registro, optamos por utilizar o diário de campo para anotar as minhas impressões. “(...) desde el ángulo de la observación, el investigador está alerta permanentemente pues, aunque participe, lo hace con el fin de observar y registrar los distintos momentos de la vida social”. (GUBER, 2004. p. 111). Os dados registrados no meu diário de campo serão analisados de maneira interpretativa, levando em consideração o contexto em que as escolas estão inseridas e próprio do sistema cultural escolar, ambiente no qual a pesquisa se insere. Para Guber (2004) “el investigador debe proceder a la inmersión subjetiva; dar cuenta de esa cultura no es explicarla, sino comprenderla”. (GUBER, 2004. p. 111). É importante salientar que, mesmo que haja distanciamento, não significa dizer neutralidade ou apatia, mas sim responsabilidade com os sujeitos pesquisados, até porque o papel do investigador é transitório dentro do grupo. Podendo ser concluído num período em que o grupo ainda continua com as suas atividades e, talvez, o pesquisador não possa mais acompanhar.

“Como administrar simultaneamente observações, leituras, reflexões e frustrações?” (WINKIN, 1998, p. 138) Esta pergunta do teórico Yves Winkin (1998) norteou a escrita deste trabalho e as incursões feitas à escola durante a pesquisa. Como eu conseguiria colocar no papel todas as minhas percepções? Como fazer isso diante da necessidade de tentar registrar tudo de maneira fiel e próxima à realidade. Optei pela escrita do diário de campo com base nas orientações do autor com a inclusão de duas colunas

sendo a da direita responsável pela escrita das observações no momento da pesquisa e a coluna da esquerda para comentários posteriores. “É preciso que o Diário tenha uma função catártica. É o que Schatzman e Strauss (1973) chamam de função emotiva do Diário”. (WINKIN, 1998, pág. 138) Ainda de acordo com o autor a segunda função do Diário é empírica. “Nele vocês anotarão tudo o que chamar a sua atenção durante as sessões de observação”. (WINKIN, 1998, p. 139). Para o autor, num primeiro momento as anotações vão ser feitas aleatoriamente, depois vão ter um cunho mais analítico e na seqüência, com a prática, o pesquisador anotará coisas relevantes para a pesquisa e de uma maneira muito mais rápida e eficaz. A terceira função do Diário é reflexiva e analítica. “Na verdade, trata-se de impressões de regularidades, às claras ou em filigrama (coisas que não aparecem são talvez tão importantes quanto as que aparecem)” (WINKIN, 1998, p. 139).

Em muitos momentos o Diário de Campo foi objeto de desejo por parte das estudantes participantes da pesquisa. As anotações feitas em alguns momentos chamavam atenção das estudantes. Neste momento é importante salientar que por mais que o pesquisador tente se integrar à rotina da escola ou da comunidade pesquisada a sua presença em campo, no ambiente dos sujeitos envolvidos, muda, de certa forma, a rotina de atividades propostas por aquele grupo. Vale pensar que quando colocamos uma máquina fotográfica ou filmadora em um espaço onde estamos inseridos, pequenas modificações são feitas, nem que seja no modo de sentar, se expressar, etc. Diante dessa realidade não foi utilizado gravador ou qualquer outro tipo de equipamento eletrônico, visto que a entrada do pesquisador na realidade do grupo já traria mudanças no comportamento. A utilização de equipamentos só ampliaria a modificação.

A escrita no Diário de Campo aconteceu no momento da percepção de algum elemento considerado relevante para a compreensão da realidade do grupo ou alguma manifestação que estivesse diretamente envolvida com o objetivo da pesquisa. Na seqüência, ao sair do ambiente escolar, eu relia as anotações e fazia outros apontamentos, com outras percepções e releituras do que havia sido considerado no momento da oficina ou da veiculação do programa.

Para a realização desta pesquisa, foram feitas ao todo sete visitas à escola, sendo três delas em momentos de oficinas, uma delas no momento festivo de aniversário da escola, produção do programa de rádio e apresentação durante a oficina, veiculação do programa e gravado e veiculação do programa ao vivo.

3. As oficinas de rádio e a discussão dos conteúdos

As visitas à escola foram feitas durante as oficinas de formação em radioescola, momentos festivos e ainda durante a produção e veiculação de programas de rádio, tanto os executados ao vivo quanto os gravados. O objetivo de percorrer todos estes processos junto aos estudantes e professores era acompanhar, em diferentes momentos, a participação, o envolvimento e a condução dos processos que requeriam diferentes instâncias de decisões e envolvimento dos educandos. Orientada por uma perspectiva metodológica que me estimulou a perceber para além das instâncias da radioescola, me propus a percorrer os corredores da escola e outros espaços para além da sala onde aconteciam as atividades. Durante a veiculação dos programas me permiti passear pela escola para observar como os outros estudantes se comportavam durante a veiculação da programação.

O meu foco de observação eram as oficinas de radioescola e as atividades desempenhadas pelos estudantes sob a mediação das professoras. Por acreditar ser o momento das oficinas uma das etapas mais importantes deste processo me amparei na leitura de Mário Kaplún no que diz respeito à produção de conteúdos e a mediação nos processos de aprendizagem. Para Kaplún (1998), uma das características da comunicação educativa é a ênfase no processo. Por conta desta orientação do autor e também relacionando com a minha prática como comunicadora de oficinas de rádio em escolas optei por tentar compreender questões relacionadas ao poder e à rádio partindo do cotidiano de oficinas de rádio por acreditar que neste momento questões são colocadas pelos educandos e conduzidas pelos professores envolvidos. No entanto, é preciso também estar atento aos conteúdos e aos resultados conquistados. “La propaganda, la consigna, el símbolo, la expresión colectiva y masiva, el elemento emocional, puestos dentro de sus justos limites, ocupan un espacio necesario y legítimo en la práctica comunicacional y organizativa del pueblo” (Kaplún, 1998, p.44), mas em nenhum momento substituem o processo.

O autor acredita que os meios de comunicação de massa com frequência se propõem a manipular a opinião do público e moldar e uniformizar suas condutas. Partindo desta premissa, é importante que “a los medios masivos y los emplee ampliamente en sus campañas educativas”. (KAPLÚN, 1998, p.37). Na radioescola como essa discussão se processa? Como as falas são conduzidas ou orientadas pelos professores e pelo núcleo gestor? De acordo com Kaplún, muitas vezes a participação se configura apenas como

“aparencia uma seudoparticipación: los contenidos y los objetivos ya están definidos y programados de antemano” (KAPLÚN, 1998, p.38). O autor acredita que os educandos participam apenas executando atividades que já foram determinadas previamente.

Com base nesta problematização trazida por Kaplún, é importante perceber que as iniciativas de projeto de comunicação e educação inseridas dentro da escola sigam uma orientação dialógica e reflexiva, propondo estratégias, junto aos estudantes, capazes de discutir a realidade e questionar o que é proposto pela mídia considerada “de massa”. “No se vende criticidad, solidaridad, liberación, con los mismos recursos con que se vende Coca Cola”. (KAPLÚN, 1998, p.45). De acordo com o autor, a educação é um processo permanente e o sujeito, envolvido neste processo descobre, elabora e reinventa a realidade, fazendo com o que o conhecimento passe a ser seu. “Un proceso de acción-reflexión que él hace desde su realidad, desde su experiencia, desde su práctica social, junto con los demás”. (KAPLÚN, 1998, p.45)

Durante as oficinas pude acompanhar a discussão de alguns assuntos relacionados à radioescola como, por exemplo, a importância do roteiro e do planejamento para o bom desenvolvimento das atividades. Ao chegar à escola, em uma tarde chuvosa, fui informada que a oficina naquele dia estaria acontecendo na biblioteca, pois o Laboratório de Informática estaria ocupado com uma turma da disciplina de Informática Educativa do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará (UFC) que estaria visitando a escola. Ao chegar à biblioteca a produção para a oficina já estava montada e a professora executava no telão um vídeo retirado do *youtube* que trazia uma ação mal executada e uma péssima desenvoltura da atividade. Em seguida a professora passou para os estudantes outro vídeo com uma ação previamente planejada e o seu perfeito desenvolvimento. Antes mesmo de o vídeo acabar um dos estudantes diz: “tia isso é *fake!*”⁴ Na fala do garoto, que no desenrolar da pesquisa vai se mostrar o mais participativo e o menos compreendido pelos gestores, nada poderia ser tão perfeito assim. Todo planejamento contava com imprevisto e “esses vídeos no *youtube* podem ser muito bem manipulados”⁵

Em outra oportunidade, durante a pesquisa na escola para a produção deste artigo, foi possível perceber que as questões da radioescola, como por exemplo, assuntos a serem discutidos na rádio são orientados pelas professoras e relacionam-se com datas

⁴ Informação obtida durante pesquisa realizada na escola no mês de novembro.

⁵ Informação obtida durante pesquisa realizada na escola no mês de novembro.

comemorativas e com base em uma demanda da escola em ter aquele assunto pautado seja na rádio ou em outros espaços, como, por exemplo, a Feira de Ciências. Quando perguntado se havia alguma manifestação espontânea dos estudantes para a produção de algum programa de rádio com uma temática que não seja relacionada a datas comemorativas, foi respondido que algumas vezes os estudantes pensam e sugerem programas. Foi possível perceber que quando os estudantes vivenciam momentos de tensão ou discordância de decisões tomadas pelo núcleo gestor da escola, não é discutida a possibilidade de elaborar um programa de rádio discutindo a situação, por exemplo.

Durante todo este processo, de compreensão, de dialogicidade, está o educador. Como já foi considerado anteriormente, a figura deste profissional é de extrema importância para o processo. No entanto, o profissional que está dedicado a questão de ensino/aprendizagem junto aos educandos não se configura como sendo aquele que ensina e dirige, mas como o que acompanha e estimula o processo de análise e reflexão “para facilitarselo, para aprender junto a él y de él para construir juntos”. (KAPLÚN, 1998, p.50)

Para pensar a discussão dos conteúdos e como as atividades se configuram dentro das oficinas vamos retomar a observação participante e as anotações feitas no meu Diário de Campo. A fala da professora ecoa “Não é o que você está acostumada e sim a necessidade de seguir as regras”⁶ parece bastante significativa. Neste momento é possível perceber que uma proposta de construção coletiva de atividades e a elaboração de um programa com “a cara” dos estudantes pode estar sendo conduzida para algo considerado “certo” e um formato pensado antecipadamente. Quem criou as regras que a professora cita em sua fala? Como diz Lazzarato qualquer ato de fala se dirige a alguém em resposta a algo e expressa valores e pontos de vista, assim como emoções, simpatias e antipatias a respeito da situação de passado “y presentes, que circulan en el espacio público. Todo acto de habla apunta a un acuerdo o a un desacuerdo, invoca a los amigos y conjura a los enemigos”. (LAZZARATO, 2007, p. 33/34).

A fala dos educadores seja em momento de oficina ou não, na rotina da radioescola ou no dia a dia da escola, é carregada de significado e recorre, muitas vezes, ao que é previsto e demandado por questões institucionais que acabam sendo transpostas para o espaço da rádio. Espaço este que deveria ser um espaço de diálogo ou proposição de questões para além do que é posto em outros ambientes ou realizado dentro de sala de aula.

⁶ Informação obtida durante pesquisa realizada na escola no mês de novembro de 2011.

Para Lazzarato (2007) as relações de poder são assimétricas. Isto significa que, no contexto que observamos, há uma diferença de forças entre duas instâncias, aí representada pela professora responsável pela mediação das atividades e o estudante que pensou em transgredir as regras e produzir o programa de rádio dentro de outra perspectiva e outro formato que não havia sido pautado ou pensado anteriormente. Ainda para Lazzarato (2007) essa relação não necessariamente é má se pensarmos dentro de uma perspectiva moral. “Una relación de poder es diferente de una de dominación. Las relaciones de dominación son de lo mismo tipo, sólo que son fijas, es decir, no son móviles, ni reversibles, ni susceptibles de ser modificadas”. (LAZZARATO, 2007, p. 76)

4. Os percalços da pesquisa

Uma manhã festiva em uma escola na cidade de Fortaleza pode não ser tão pacata como imaginamos. Durante a comemoração de 37 anos da escola pesquisada aconteceram coisas que, inicialmente, não estariam previstas no roteiro de qualquer programa radiofônico. Foi o momento de lembrar uma das atividades das oficinas de radioescola quando a professora ponderava a necessidade de um planejamento para o total sucesso da realização das atividades. A comemoração do aniversário da escola aconteceu num sábado pela manhã. Toda a comunidade escolar foi convidada e o grupo de radioescola que hoje já não está mais responsável pelas atividades e não está sendo investigado neste artigo foi convidado pela direção para realizar algumas atividades. Inicialmente estava previsto que duas meninas, as consideradas “*the best*”⁷ pela coordenação da rádio, fariam o cerimonial, as entrevistas, algumas intervenções durante a cerimônia, tanto ao vivo quanto com material gravado. Ao chegar à escola fui surpreendida pela abordagem da professora que me informou mudanças nos planos. As meninas ficariam apenas com o cerimonial previamente elaborado pela coordenação. “O tempo está curto e resolvemos tirar a parte das entrevistas”⁸. As mudanças no roteiro não estavam apenas aí. Em um determinado momento algumas pedras começam a ser jogadas na quadra da escola, onde estava ocorrendo a comemoração. Por alguns instantes todos ficam assustados e interrompem a fala para tentar entender o que estava acontecendo. A direção da escola retomou a fala e as pedras tornam-se mais intensas levando o guarda da escola a ir até a calçada verificar o que

⁷ Termo utilizado pela professora responsável pela radioescola e obtido por meio de observação participante durante as oficinas e visitas feitas à escola pela pesquisadora.

⁸ Informação obtida por meio de conversa informal com a professora responsável pela radioescola no dia 07 de novembro de 2011 durante pesquisa para elaboração de artigo científico.

estava acontecendo. Enquanto todos aguardam um retorno do funcionário o vento forte derruba os equipamentos montados em data show, assustando uma das apresentadoras da rádio que estava conduzindo o cerimonial da festa. Com o susto o microfone é jogado no chão e o fio se rompe⁹. A partir deste acontecimento uma nova fase da pesquisa se configura o grupo que estaria sendo formado agora e que ficaria responsável pelas atividades da rádio já não poderá mais realizar as atividades conforme planejado, tendo em vista que o microfone é fundamental para a gravação e veiculação do programa.

Sobre esta questão da escola ser alvo de violência, vale contextualizar que o bairro é considerado violento pela comunidade escolar. Outra questão que vale ser ressaltada diz respeito às especulações sobre o ataque à escola. Estudantes apontam que o apedrejamento veio de alguns estudantes que tiveram acesso barrado devido estarem com roupas consideradas inadequadas ao espaço escolar. Durante a pesquisa presenciei conflitos gerados a partir das roupas que os estudantes utilizavam. Muitos tiveram que “voltar para casa” por não estarem com as roupas condizentes com as estabelecidas nas regras da escola. Nesta perspectiva disciplinar, vale destacar o que nos diz Foucault (1977). Segundo o autor, as relações de poder estabelecidas no século XX nas instituições, seja na família, na escola, nas prisões ou nos quartéis, foram marcadas pela disciplina, cujo objetivo principal era a produção de corpos dóceis, eficazes economicamente e submissos politicamente. A questão do vestuário está relacionada à disciplina e ao termo ortopedia social, “que tenta assegurar a ordenação das multiplicidades humanas” (Foucault, 1977, p. 191 apud Prata¹⁰, p. 3). Trata-se de produzir corpos dóceis, tornando o exercício do poder economicamente menos custoso possível, estendendo os efeitos do poder social ao máximo de intensidade e tão longe quanto possível, e ainda ligando o crescimento econômico do poder ao rendimento dos aparelhos pelos quais se exerce, sejam pedagógicos, militares, industriais e ou médicos. O autor acredita que, agindo assim, há o crescimento tanto da docilidade quanto da utilidade de todos os elementos do sistema (Foucault, 1977, p. 191). Esta docilidade dentro da escola, por exemplo, repercute no fato de os adolescentes não elaborarem programas que enfrentem as regras impostas pela escola. Os programas de rádio acabam refletindo a programação da própria escola, os eventos festivos e o calendário de atividades ou festejos nacionais como foi o caso do Dia Nacional da Consciência Negra.

⁹ Na sequência da pesquisa, foram realizadas outras visitas e o microfone que havia se rompido não foi consertado, mas alguns equipamentos que haviam chegado à escola e não haviam sido abertos ainda foram disponibilizados para a equipe da rádio para que pudessem fazer programas ao vivo.

¹⁰ Artigo disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n28/a09n28.pdf> e sem data de publicação

Após os acontecimentos violentos no dia do aniversário da escola, ainda houve uma oficina de formação em radioescola. Na ocasião os estudantes estavam tendo atividades no laboratório de informática, espaço fechado com poucos participantes e fizeram o programa de rádio “ao vivo”, sem a utilização de microfones ou outros recursos mais específicos. Os programas foram apresentados mais no formato teatral, diante dos outros, sem a perspectiva radiofônica de valorização do som e inexistência das imagens. As locutoras¹¹ fizeram suas apresentações diante do restante do grupo e aproveitaram o restante do tempo disponível para a oficina para realizar tarefas no computador e ainda para tirar dúvidas de edição. De acordo com a professora coordenadora da radioescola o tópico da edição é o mais complicado para os estudantes. Muitos têm dificuldades de levar adiante o processo de edição, ficando a cargo das professoras ou ainda de um ou dois estudantes que têm interesse mais específico neste assunto.

Pesquisar na escola, participar do cotidiano da construção de um programa de rádio feito por estudantes sob a supervisão e coordenação de um professor é identificar e tentar compreender questões relacionadas às instâncias de poder que se estabelecem na escola. Procurei caminhar pelo espaço escolar não só durante a veiculação do programa, mas também durante os momentos em que os estudantes estavam produzindo e se preparando para a programação ao vivo. Observar com um olhar de pesquisador é identificar que algumas instâncias de poder estão presentes, por exemplo, na proibição do uso do espaço do laboratório de informática pelos estudantes na ausência do professor. Outra proibição diz respeito ao uso restrito dos equipamentos da radioescola. Para dialogar com essas questões do poder e os modos de vida “micro e macropolíticos” no cotidiano, retomam-se as contribuições de Deleuze (1992) que, nos seus estudos sobre Foucault, destacou a importância do deslocamento dos códigos sociais que se orientavam pela disciplina para uma sociedade que se mobiliza pelo controle, tendo como alvo a incitação e captura do desejo. É precisamente nessa questão que penso ser interessante operar uma “análise da formação do desejo no campo social”, ou seja, o modo como se cruza o nível das diferenças sociais mais amplas (que Guattari chamou de “Molar”) com aquele que denominou de “molecular”. (GUATTARI; ROLNIK, 1996. p. 127).

¹¹ No turno da tarde havia apenas meninas participando da oficina em radioescola

5. A perspectiva dos estudantes

Aliado à metodologia de observação participante com a elaboração do Diário de Campo optei por interagir com alguns estudantes que estavam participando das atividades da rádio diretamente. Reuni-me com alguns meninos e meninas e dialogamos por meio de uma Roda de Conversa. Conversei tanto o grupo que já está a mais tempo nas atividades da rádio, quanto os meninos e meninas que participaram há pouco tempo das oficinas de formação em rádio.

A conversa aconteceu antes da veiculação de um programa ao vivo feito por estudantes das duas etapas do curso de radioescola. Conversei com três meninas e um menino dos turnos manhã e tarde. As duas meninas do turno da tarde haviam ido à escola especialmente para participar desta conversa. Encontramo-nos no Laboratório de Informática Educativa, espaço onde aconteciam as oficinas de rádio e as meninas do turno da tarde estavam usando roupas classificadas pela supervisora pedagógica como impróprias. Por conta desta questão elas tinham a orientação de permanecer apenas dentro do Laboratório de Informática não podendo circular pela escola ou ainda participar do programa de rádio da hora do intervalo. Esta questão gerou um inconveniente, pois foi dito que as estudantes só poderiam ficar na escola por conta da pesquisa e da minha presença, caso contrário elas teriam que “voltar para casa”, já que conheciam a regra quando ao vestuário. Passado o constrangimento, começamos uma conversa sobre os interesses em participar da rádio, os temas que mais gostavam de abordar, a rotina de produção. Foram colocados alguns temas geradores e não perguntas fechadas. A ideia é a de que pudéssemos conversar um pouco sobre a atuação de cada uma na rádio. A conversa começou tímida, mas foi possível perceber que, para as novatas, a ideia de participar da rádio tinha surgido do fato de terem visto a movimentação na hora do intervalo e terem se interessado em fazer parte deste espaço, de falar ao vivo no microfone e ser conhecido na escola. No caso do menino que também era do novo grupo que estava se formando, o interesse foi gerado a partir de um convite de uma das professoras coordenadoras do projeto para ser apresentador de um programa de poesia. A menina que está a três anos na rádio e foi responsável pela locução do programa deste dia falou sobre alguns temas que já haviam sido abordados e da sua emoção de estar sempre participando dos eventos da escola, fazendo programas de rádio que são ouvidos por todos e está também na internet. Quando questionados acerca dos assuntos que são abordados e da rotina de produção dos programas os educandos

responderam que os assuntos geralmente são pautados de acordo com datas comemorativas ou ainda quando algum deles pensa em algo que poderia ser interessante, como por exemplo, dia das mães, dos pais, comemoração de aniversário da escola, ou seja, acaba sendo voltado para questões e calendários festivos já pautados pela própria escola.

Fazendo uma relação entre a fala dos estudantes e alguns aspectos observados durante a pesquisa, o que me chamou a atenção no momento da Roda de Conversa, além das regras de uso do Laboratório de Informática, é que os estudantes comentaram de maneira bastante naturalizada o fato do roteiro do programa ser finalizado pela professora. A digitação e correções são feitas pela professora orientadora e os estudantes têm acesso à versão final para ser lida no momento do programa. A fala dos estudantes soou neste momento como sendo algo “incorporado” à rotina deles e reflete a condição de algumas regras a serem seguidas não apenas na radioescola, mas em outras instâncias participativas da instituição escolar, como é o caso do laboratório de informática. Numa relação com os autores estudados podemos resgatar Deleuze, numa releitura de Foucault, quando o autor afirma que o poder: “passa pelos dominados tanto quanto pelos dominantes (já que passa por todas as forças em relação)” (DELEUZE, 1988, p.79).

6. Aspectos conclusivos

Foi possível identificar que as instâncias de poder na radioescola estão ligadas a aspectos que já fazem parte da “Instituição” escola. São regras e orientações feitas por profissionais que conduzem o processo educacional a partir de uma perspectiva histórica e que acabam sendo transpostas para a realidade da rádio que está localizada em um espaço central e estratégico, no pátio escolar. As atividades da rádio são consideradas como sendo centrais e estruturantes, dando visibilidade ao que é feito na escola e a um trabalho que é desenvolvido com os educandos. Como pensar, por exemplo, que os estudantes poderiam fazer um programa de rádio questionando a proibição de entrar na escola usando determinadas vestimentas? Ou ainda acerca da orientação de utilização dos equipamentos do laboratório de informática apenas com a presença de um professor? Esse tipo de abordagem não é feita pelos estudantes.

É preciso pontuar, por exemplo, o fato de o roteiro do programa ser digitado pela professora orientadora. Esta realidade, como pontua Foucault, este tipo de condução faz parte de um momento de exercício de poder sobre o outro de maneira estratégica e a

radioescola seria o momento em que este exercício de poder estaria aberto a inverter esta instância, mas me parece falho a partir do momento em que não é questionado ou ponderado pelos estudantes. Na fala dos participantes da rádio foi possível perceber um sentido de naturalização ou entendimento diante do fato do roteiro ser digitado e editado pela professora e não pelos adolescentes que construíram o texto.

Durante a veiculação do programa é a professora quem comanda a operacionalização dos equipamentos. Os botões de início de final da programação são acionados pela professora sem nenhuma participação dos estudantes que permanecem com os microfones nas mãos à espera do play de um programa previamente digitado e aprovado pela professora. Com base nestas questões podemos salientar o que diz Lazzarato com relação às estratégias “Juegos estrategicos que hacen unos intenten determinar la conducta de otros, y que los otros respondan intentando no dejar determinar su conducta, intentando determinar a su vez la conducta de los otros, señala Foucault” (LAZZARATO, 2007, p. 25/26)

Nesta perspectiva, para os autores, o poder é visto como uma relação de forças que se estabelecem dentro da rotina da rádio e da própria escola que segue com suas questões historicamente inseridas no cotidiano escolar. Nesse sentido, a força tem como objeto outras forças, ou seja, “uma ação sobre ações” (FOUCAULT, 1995, p. 244). Voltando a discussão acerca da questão central colocada inicialmente é possível afirmar que a condução do processo de produção de atividades relacionadas à radioescola e ainda a outras atividades de instâncias participativas na escola são coordenadas e orientadas pelas professoras responsáveis por esta atividade. Desde a proposição dos conteúdos, geralmente pautados pelas professoras ou a partir do calendário de eventos da escola passando pela finalização e aprovação do roteiro até a operação dos equipamentos da rádio. Durante a atividade de comemoração do aniversário da escola, todo o texto do cerimonial que foi lido pelas estudantes da radioescola foi elaborado pelas professoras. Em uma conversa inicial a professora responsável pela radioescola havia comentado que toda a apresentação da comemoração do aniversário da escola seria feita pelos estudantes que estavam pensando em um roteiro especial e entrevistas ao vivo durante a cerimônia, mas não foi o que aconteceu no dia dos festejos de aniversário da escola. O roteiro lido havia sido preparado por gestores e não pelos estudantes. Diante destas ponderações, vale relacionar com a fala de Foucault ao dizer que o poder não é um bem, mas é algo que se exerce em rede, e nessa

rede está por toda a escola, e perpassa a todos os indivíduos circulam nela, sendo que qualquer um pode estar em posição de ser submetido ao poder, mas também de exercê-lo. Nessa perspectiva, não se trata da questão de “quem tem o poder”, mas de estudá-lo no ponto em que se implanta e produz seus efeitos reais.

7. Bibliografia

- DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. Trad. de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.
- DELEUZE, Gilles, **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- FOCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- ____. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1979.
- ____. **Nascimento da Biopolítica**. São Paulo: Editora Martins Fontes,
- ____. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- GUATTARI; ROLNIK, **Micropolítica: cartografias do desejo**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- GUBER, Rosana. **El Salvaje Metropolitano. Reconstitución del Conocimiento Social em el Trabajo de Campo**. Buenos Aires: Paidós, 2004
- KAPLÚN, Mário. **Pedagogia de La Comunicación**. Madrid: Ediciones de La Torre, 1998.
- LAZZARATO, Maurizio. **La Filosofía de la Diferencia y el Pensamiento Menor**. Bogotá: Instituto de Estudios Sociales Contemporâneos (IESC), 2007.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no Pedaco – Cultura Popular e Lazer na Cidade**. Editora HUCITEC. 2004
- NETO, Otávio Cruz. **O trabalho de campo como descoberta e criação**. In: DESLANDES, Suely Ferreira *et al* (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- PRATA, Maria Regina dos Santos. **A produção da subjetividade e as relações de poder na escola: uma reflexão sobre a sociedade disciplinar na configuração social da atualidade**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n28/a09n28.pdf>
- WINKIN, Yves. **A Nova Comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. Papirus: Campinas, 1998.